

POLIDEZ LINGUÍSTICA EM AMBIENTE VIRTUAL: ANÁLISE DO GÊNERO RECADO EM SITES DE RELACIONAMENTO

Kelly Christine Lisboa Diniz Leite de Vilhena*

“Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra **pessoa**, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo o lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos” (PARK, 1950).

Resumo: Este artigo procura averiguar como se dão os processos de elaboração de face a partir de procedimentos de polidez no gênero recado no site de relacionamento *Orkut*. Tem o objetivo de mostrar como o gênero recado, entre pessoas muito próximas, embora apresente uma linguagem bem direta e íntima, em ambientes sociais da Internet, enquadra-se em um contínuo que oscila da formalidade à informalidade. Considerando que os sites de relacionamento na internet, em geral, possibilitam a publicidade desses recados, procuramos avaliar como, dependendo do grau de proximidade entre os interactantes, constrói-se ou não uma *face* por meio de procedimentos de polidez. Partimos da hipótese de que as estratégias linguísticas usadas nos recados desses sites de relacionamento são no sentido de construção de imagem de reconhecimento por parte de quem recebe o recado e daqueles que o leem. Esta análise se ancorará nos estudos de Goffman, que empreende um trabalho sobre *face* e defende que um indivíduo agirá de maneira calculada para dar aos outros o tipo de impressão que irá levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter; e se apoiará também na teoria da construção de face - face positiva/face negativa - desenvolvida por Brown e Levinson.

Palavras-chave: Gênero recado. Ambiente virtual. Face positiva e negativa. Polidez.

Abstract: This article tries to examine how occur the face-making processes from politeness procedures in the gender scrap on the social networking site Orkut. It aims to show how the gender scrap amongst very close people, although it presents a very direct and intimate language, in social environments of the Internet fits into a continuum that ranges from formality to informality. Considering that social networking sites on the Internet in general, allow the advertising of these scraps, we assess how it is possible to build up a face or not by the politeness procedures, depending on the degree of closeness between interactants. Our hypothesis is that the language strategies used in the scraps of these social networking sites are in order to build image recognition by the person who receives the message and those who read. This analysis will be anchored in Goffman studies, that undertakes work on a face and defends that an individual will act in a calculated manner to give to the others the kind of impression that will lead them into a specific reply that interests himself; and it will also support the theory of face construction - positive face / negative face - developed by Brown and Levinson.

Keyword: Scrap gender. Virtual environment. Positive and negative face. Politeness.

* Mestranda do Programa de Estudos Linguísticos do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES – Vitória/ES. kldiniz@hotmail.com.

Introdução

As relações pessoais no cenário social dos últimos anos do século XXI têm sido ampliadas devido às inúmeras probabilidades de interação que o ambiente virtual tem proporcionado.

As distâncias entre países se tornaram apenas distâncias físicas, pois com qualquer aparelho portátil e uma rede virtual, o acesso, em questões de segundos, a pessoas de qualquer lugar do mundo que disponham da mesma tecnologia é real.

Essa busca por relacionamentos interpessoais no ciberespaço, também chamado espaço virtual, deu-se, principalmente, em função da curiosidade dos usuários dessa rede em explorar as inúmeras possibilidades que esse mundo virtual oferece. Outro atrativo desse ambiente cibernético advém da vontade desses seus usuários conhecerem realidades diferentes daquelas em que vivem, além do imprescindível desejo de interagirem em sociedade sem se expor a qualquer forma de perda de individualidade não permitida.

Como a tecnologia avança cada vez mais em uma velocidade jamais esperada pelo homem, os espaços para exploração existentes na rede devem avançar na mesma medida e de forma surpreendente, como está ocorrendo. Os *softwares* e/ou páginas virtuais, principalmente voltadas para os relacionamentos sociais, fortalecem-se e firmam-se como ambientes que ocupam parte do tempo das pessoas que aderem a eles; essas páginas virtuais inovam suas ferramentas e atraem mais adeptos a seus aplicativos.

O número de usuários desses espaços de relacionamentos virtuais aumenta em todo mundo, as pessoas estão compartilhando quantidades de informações pessoais sem precedentes com outras pessoas completamente estranhas, conforme informa Miller (2009, p. 71).

A tecnologia torna cada vez mais possível a pessoas se tornarem espãs das outras ou simples exibicionistas. A realidade virtual permite a criação de outra identidade fora da realidade física.

Dessa maneira, o computador, como alguns erroneamente criam, não é apenas um suporte de produção de textos, mas um intermediador de comunicação em potencial, conforme reforça Levy (2001, p. 41):

Considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo [...] equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à

interatividade. O computador é, portanto, antes de tudo um operador de *potencialização de informação* (LEVY, 2001, p. 41).

Da perspectiva do aparecimento da interatividade em novos gêneros do qual trata o filósofo é que vamos nos ater neste trabalho. O computador não será concebido como um instrumento a mais de produção de textos, mas como um suporte de gêneros ligados à interatividade.

Os sites de relacionamento virtuais *potencializam* os meios de interação e informatividade. Ao mesmo tempo em que se nota que as informações de cunho pessoal atraem muito mais expectadores e que esses são induzidos a também participarem desse ciclo. Quando essa troca se dá, como nas interações face a face, há uma tendência da exposição de uma identidade que corresponda com o que culturalmente se espera.

Contudo, essa exposição em massa não pode ser entendida apenas como uma amostra de identidade, mas como a própria construção de uma identidade paralela que assume uma linha totalmente ou parcialmente esperada pelo meio em que se encontra.

Goffman (1996, p. 218) defende que um ambiente social é qualquer lugar que seja limitado por barreiras estabelecidas à percepção e que abrigue uma forma particular de atividade. Para esse autor, dentro de um ambiente de relacionamento social, em geral, encontramos pessoas as quais atuam de modo a apresentar-se para uma plateia de acordo com uma linha de conduta cooperativa.

Essa linha de conduta obedece a princípios mantidos mediante regras de polidez e decoro. Portanto, entre os membros pertencentes a esses ambientes de relacionamento social deve haver certa familiaridade a qual permita que se estabeleçam trocas compartilhadas que não firam as representações dos seus membros.

Entretanto, é importante não deixar de mencionar que dentro de ambientes de relacionamentos sociais, de acordo com o mesmo autor (GOFFMAN, 1996, p. 9), as pessoas se apresentam sob máscaras, ou seja, o papel que cada indivíduo irá exercer irá depender da plateia que está assistindo a essa representação.

Desse modo, em ambiente virtual, em que a presença física se dá, quando muito, de forma semiótica, ou seja, por meio de fotos ou vídeos, essa simulação será um tanto maior devido à generalização da plateia que é expectadora.

A escolha do quadros de *recados* deixados em ambientes públicos virtuais, como o *Orkut*, como *corpus* dessa pesquisa se deu pelo fato de apresentar as características de representação e construção de face, conforme enfatizado por Goffman (1980, p. 78). A face

nesse ambiente virtual é algo que se desenvolve no encontro da interação, e que se torna manifesta apenas quando esses recados são lidos e interpretados em função das avaliações que neles se expressam. A pesquisa procura se concentrar nas formas de polidez usadas como estratégia dos usuários desse gênero e se mostrarem mais aceitos pela comunidade a qual fazem parte.

Gênero recado e ambiente *software* de relacionamento pessoal – orkut

Os gêneros virtuais aparecem no cenário social para influenciar o comportamento e a representação dos indivíduos em sociedade, principalmente no que se refere ao uso de *softwares* sociais, como é o caso do *Orkut*, sistema social mais usado entre os jovens brasileiros, sobretudo, nos últimos 5 (cinco) anos com o intuito de formar uma rede de comunicação ou uma rede de busca por relacionamentos.

O *Orkut* é um *social network*, conhecido como *community websites*, isto é, redes sociais de relacionamentos na Internet. Essa rede é filiada à empresa *Google Inc.* e foi criada em 19 de janeiro de 2004 pelo engenheiro turco *Orkut Büyükkökten*. Com a popularidade do *software*, hoje é possível que qualquer pessoa faça parte dessa rede, basta ter uma conta de correio eletrônico no site da *Google*, o *gmail*; com essa conta se solicita a entrada nesse grupo social.

Assim como muitos *softwares* com as mesmas finalidades de rede de relacionamentos, o *Orkut* abriga muitos gêneros, alguns autores o concebem como um *hipergênero* por se tratar de um ambiente em que “gêneros se compõem a partir de outros gêneros” (BONINI, 2003, p. 4).

Por outro lado, não se pode deixar de destacar que é bem complexa essa visão, uma vez que há outras concepções a respeito de gêneros, como a adotada por Marcuschi, que defende o *locus*, ou seja, o lugar onde ocorrem os gêneros, como suporte ou portador de texto (MARCUSCHI, 2003, p. 11).

Partiremos da noção de gênero defendida pela teoria sociointeracionista da Escola Russa, com Bakhtin como seu principal expoente teórico.

O pensamento do filósofo russo Bakhtin atingiu importante repercussão na linguística do século XX, ele considera que há um vínculo intrínseco entre a utilização da linguagem e as atividades humanas, considerando, dessa forma, que os enunciados devem ser vistos na sua função, no processo de interação.

Dessa maneira, a produção de textos nas esferas de ação é determinada pelas condições específicas e pelas finalidades esperadas de cada esfera. Na concepção desse autor (2003, p. 282), a língua é vista como um lugar de interação humana e não como um sistema estável.

Assim sendo, o uso da língua exige do falante, dentre outras coisas, a escolha do gênero discursivo mais adequado. Os gêneros, na visão de Bakhtin, são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por consideração semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta de comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade e subjetividade, é em seguida, aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero (BAKHTIN, 2003, p. 282).

Diante dessa abordagem, a escolha do gênero discursivo adequado para a situação comunicativa esperada é de competência interacional, ou seja, a competência sócio-comunicativa dos falantes/ouvintes os leva a perceber qual gênero é mais adequado para cada uma das práticas sociais.

Deve-se lembrar que os gêneros são práticas sociais oriundas de diversos campos de atividade que se apresentam de modo muito heterogêneo, tanto quanto os diferentes campos da atividade humana, surgindo em função das novas tecnologias de uma sociedade. Até nos ambientes mais informais de comunicação, como as conversas face a face, os gêneros estão presentes.

Metodologia e o *corpus*

Os estudos de polidez e interação verbal por Brown e Levinson propõem princípios universais de polidez, baseados empiricamente na análise de dados de três culturas. A metodologia descrita no livro aponta para a realização de testes controlados, que levassem o falante a utilizar as estratégias de polidez esperadas.

No entanto, para o estudo dos recados do *Orkut* em páginas de brasileiros escritas em português, só essa metodologia de Brown e Levinson não seria suficientemente satisfatória.

Adotamos as estratégias utilizadas para a seleção levando em conta outros fatores além dos delimitados pelos estudos desses pesquisadores.

Após uma observação de alguns perfis e das trocas de recados entre conhecidos, pareceu coerente trabalhar com critérios de seleção como: idade; ambiente social determinado pela leitura de imagens fornecidas e grau de intimidade ou proximidade entre os interactantes.

Optamos por não identificar os usuários, uma vez que não estão sendo levados em conta para a análise propriamente linguística a foto apresentada no perfil, além de preservar a individualidade de cada um

Levamos em conta a consideração bakhtiniana da relativa estabilidade dos gêneros, é importante considerar o gênero *scrap* ou recado do *Orkut* como um gênero enquadrado nessa perspectiva do hibridismo, por isso, Marcuschi postula que

“[...] os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas ao lado do papel e do som (...) a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” (MARCUSCHI, 2002, p. 13).

Os recados do *Orkut*, principalmente na abordagem pragmática desse artigo, é uma nova forma de comportamento da comunicação humana e, portanto, deve ser encarada, conforme exemplifica Bakhtin, como um caso de transmutação de gêneros, transmutação do diálogo cotidiano para a esfera literária, ou esfera da escrita, no qual aquele é absorvido e reinterpretado, passando a uma esfera mais complexa; mudando, dessa forma, seu estilo.

Tais como os textos que circulam na *Internet*, especialmente em salas de bate-papo, os *scrap*s, recados deixados no *orkut*, são carregados de marcadores conversacionais, abreviações, que buscam traduzir, por meio da escrita, e manifestações exclusivas da fala, tais como: alongamentos vocálicos com funções paralinguísticas, a presença de elementos semiológicos, imagens, fotos, vozes, sons, dentre outros recursos. Quanto melhor dominamos esse gênero tanto mais tranquilamente o empregamos. Alguns usuários acreditam que nessa escrita é possível usar mais plena e nitidamente sua individualidade nos ambientes em que isso é possível e necessário.

Conforme Lima-Neto (2006, p. 7-8), o *recado* não tem forma fixa, mas apresenta algumas regularidades, como, mensagens breves que diz respeito somente a um enunciador e a um co-enunciador, ausência de necessidade de intimidade.

Já no que se refere ao bilhete, considera-se como características fundamentais: uma forma predominantemente dialógica; presença de uma intimidade entre os interlocutores, daí

o caráter de informalidade; forma relativamente fixa: corpo bem delimitado quanto ao tamanho e à temática.

O *scrap* do *Orkut* (recados do *Orkut*), principalmente diante das últimas mudanças de layout e configurações do site, assumiu um caráter híbrido desses dois gêneros que, muitas vezes, até foge das características próprias de um ou de outro desses gêneros.

O *website orkut* possibilita tratar em um só lugar de assuntos profissionais, acadêmicos, de lazer, de humor, enfim, o nome “rede social” é mais do que aplicável.

A imagem social e a face nos recados do *Orkut*

A imagem social é, conforme expõe Preti (2004, p. 180), a definição de posições sociais dos indivíduos num grupo, a fim de conquistar o que costuma se chamar de *status*.

Cada esfera social ou cada *status* exige de seu grupo um conjunto de regras a que se deve obedecer para que seus usuários sejam aceitos. Essas regras compreendem um conjunto de posturas e aspectos relacionados desde a apresentação física do indivíduo até à linguagem empregada nas trocas comunicativas dentro de suas funções sociais.

Brown e Levinson atestam que apesar da construção de uma imagem pública ser definida de acordo com a cultura, há dois pontos tácitos: a necessidade de conhecer as regras de comunicação de cada ambiente de interação e a necessidade do falante se orientar nessas regras (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 62).

Conforme, Goffman, o que implica na construção dessas regras sociais invisíveis é não só o cumprimento delas, como também o que se espera em troca ante esse cumprimento:

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Ligado a este princípio há um segundo, ou seja, de que o indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é. Consequentemente, quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar. Implícitamente também renuncia a toda pretensão de ser o que não aparenta ser e, portanto, abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros descobrem, então, que o indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles devem entender por “é” (GOFFMAN, 1996, p. 21).

Nesse cenário apresentado pelo estudioso, entendemos que o indivíduo se projeta com o objetivo de ganhar repercussão social para que outros indivíduos o valorizem.

Nos sites de relacionamentos virtuais, no caso o que estamos analisando, o *Orkut*, também há uma concorrência por parte dos usuários com a intenção, até explícita, de ser aceitos e queridos pela comunidade, ou pelos grupos dos quais fazem parte.

Essa concorrência se dá sob as mais diversas formas, desde os recursos imagéticos até os linguísticos. Por exemplo, no álbum de fotografias, na foto de exibição do perfil, no recebimento e envio de depoimentos e nos recados recebidos e postados.

Essa construção de uma imagem a partir da situação em que está inserido ou a representação que se faz nas instâncias sociais em que se está ligado tem a ver com a linha de conduta que o indivíduo quer assumir para ser querido.

Dessa maneira, chamamos de *face* a “imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados – embora se trate de uma imagem que pode ser compartilhada por outros, como quando uma pessoa consegue fazer uma boa exibição profissional ou religiosa, fazendo uma boa exibição para si mesma” (GOFFMAN, 1980, p. 77).

Isso quer dizer que *face* é uma imagem social construída que só é revelada pelos indivíduos e em ocasião de interações sociais.

O conceito de *face* foi, inicialmente, formulado pelo sociólogo Erving Goffman em 1974 e foi observado a partir de experiências de interação face a face. O autor defende o termo *face*, como:

Valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. Face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados – embora se trate de uma imagem que pode ser compartilhada por outros. [...] A face dos outros e a própria face são constructos da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento ligado à face e como esse sentimento deve ser distribuído entre as faces envolvidas (GOFFMAN, 1974).

Face, diante dessa posição adotada pelo estudioso, não é algo superficial que possa se localizar no exterior do corpo, mas se trata de uma linha que é mantida de acordo com as designações sociais, ou seja, a pessoa mantém a sua face ou a perde, dependendo do propósito e do ambiente da comunicação.

Todo indivíduo, para Goffman, tendia a exteriorizar uma linha de conduta que envolvia um conjunto de atos, tanto verbais como não verbais em situações sociais. Por meio dessa linha de conduta é possível que o indivíduo reclame para si uma imagem pública. Isso

significa que cada situação social reclama um conjunto de atitudes e, portanto, uma forma de elaboração de face.

Brown e Levinson ampliaram os estudos de Goffman e os recolocaram para a linguística, de modo que para eles *Face* está ligada às emoções:

Nossa noção de “face” deriva de Goffman e do termo folclórico em inglês que liga a face às noções de estar constrangido ou humilhado, ou “perdendo a face”. Assim, a face é algo em que há investimento emocional, e que pode ser perdida, mantida ou intensificada, e que tem que ser constantemente cuidada numa interação. Em geral, as pessoas cooperam (e pressupõem a cooperação dos outros) na manutenção da face na interação, sendo essa cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face. Isto é, normalmente, a face de qualquer um depende da manutenção da face de todos os outros e, como se pode esperar que as pessoas defendam suas faces quando ameaçadas, e, defendendo suas próprias faces, elas ameaçam a face dos outros, geralmente é de interesse de cada participante manter a face do outro, isto é, agir de forma a assegurar aos outros participantes que o agente está atento às pressuposições relativas à face ameaçada (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61).

Esses estudiosos apresentam dentro dessa noção de face um quadro teórico sobre polidez elaborado. O modelo da polidez inspira-se nos conhecimentos de *face* e de *território* de Goffman, reelaborados por esses autores para *face positiva* e *face negativa*.

A *face negativa* é entendida como o conjunto dos territórios do ‘eu’, lugares íntimos não previstos de ser explorados, reservas pessoais (território corporal, espacial, temporal, bens materiais ou simbólicos).

Enquanto que a *face positiva* se apresenta como um conjunto das imagens valorizadas de si mesmos que os interlocutores constroem e tentam impor na interação.

Na verdade, todos os atos que somos levados a produzir na interação são, de alguma forma, “ameaçadores” a uma e/ou à outra face dos interlocutores presentes, sendo esses chamados de *Atos ameaçadores de face (FTAs)*.

Se os participantes envolvidos no processo interativo têm um *desejo e necessidade de face* (face-want), cada um procura conservar, e mesmo melhorar, seu território e sua face, em geral, positiva.

Portanto, as faces são alvo de ameaças permanentes e objeto de um desejo de preservação constante. Para que esse jogo comunicativo de ameaça e de preservação de face seja possível, de acordo com Goffman, é necessário a realização de um *trabalho de figuração* (face-work), de máscaras. *Face-work* foi um termo usado para designar “tudo que uma pessoa empenha para que suas ações não façam ninguém perder a face (nem mesmo ela própria)”.

No entanto, para Brown e Levinson, a contradição que ocorre desse permanente estado de ameaça e preservação se revelaria pela implementação de diversas *estratégias de polidez* que, para a maioria, se reduz a processos de atenuação dos Atos ameaçadores de face.

Dessa maneira, a polidez aparece, nessa perspectiva, como “um meio de conciliar o desejo mútuo de preservação das faces com o fato de que a maioria dos atos de linguagem são potencialmente ameaçadores de qualquer uma dessas mesmas faces”. A partir de então, o fundamento do trabalho de Brown e Levinson consiste em fazer o inventário dessas diferentes estratégias e dos atenuadores utilizados para mitigar os Atos ameaçadores de face.

Esses estudiosos, diante da perspectiva das estratégias de polidez, dividem os atos de linguagem em quatro categorias, obedecendo à lógica da face que é mais suscetível de ameaçar:

(1) *Atos ameaçadores da face negativa do emissor*: promessas, pelas quais empenhamo-nos em fazer, em um futuro próximo ou distante, qualquer coisa que evite lesar o nosso próprio território;

(2) *Atos ameaçadores da face positiva do emissor*: confissões, desculpas, autocríticas e outros comportamentos auto-degradantes;

(3) *Atos ameaçadores da face negativa do destinatário*: ofensas, agressões, perguntas “indiscretas”, pedidos, solicitações, ordens, proibições, conselhos e outros atos que são, de alguma forma, contrários e impositivos;

(4) *Atos ameaçadores da face positiva do destinatário*: críticas, refutações, censuras, insultos, escárnios e outros comportamentos vexatórios.

No *Orkut*, como em qualquer outro ambiente social, também há uma constante mobilização dos seus usuários para que assumam uma linha de conduta ante o grupo de que fazem parte. Os recados postados são exemplos de exposição e ameaça permanentes de face, pois, diferente da visão de oposição entre face positiva e face negativa que Brown e Levinson propõem, o que temos é que as duas faces constituem componentes fundamentais e complementares de todas as relações entre seres sociais, formando assim um contínuo ora de ameaça, ora de preservação.

Análise de recados e estratégias de polidez

Os recados do *Orkut*, conforme já pontuado ao longo deste trabalho, são fonte de oralidade e de uma liberdade de expressão bem acentuadas. Essa informalidade reflete muito o comportamento da cultura em que analisamos esse gênero. Brasileiros, em geral, são conhecidos como uma sociedade hospitaleira, comunicativa e alegre.

Na observação do *corpus* foi possível analisar a presença de polidez nas interações ou nas trocas de recados, no entanto, uma polidez construída socialmente, no contexto dos interlocutores.

No entanto, considerando que no campo dos estudos da língua, de acordo com Koch e Bentes (2008, p. 25), a polidez é forjada em meio a práticas sociais, é preciso entender que o contexto de comportamento da faixa de idade dos usuários analisados é fundamental para se buscar construção de polidez.

Outro fator que é interessante para ser colocado é o fato de que a tabela de estratégias de polidez negativa, positiva ou de indiretividade propostas por Brown e Levinson nem sempre se aplicam da mesma forma em um dado contexto cultural. A noção de face nos recados do *Orkut* está muito ligada ao ser aceito, portanto, implica fazer uso de uma linguagem, de uma interação esperada pelo grupo.

No decorrer das observações, outra questão observada foi o fato de que as estratégias de polidez oscilam da formalidade à total informalidade principalmente no que diz respeito à faixa etária, fato bem esperado; uma vez que os adolescentes apresentam uma linguagem mais coloquial e relações sociais mais próximas e intensas.

Ao constatar essa evidência, foi necessário, a título de focalização, delimitar faixa etária suposta, uma vez que a idade no *Orkut* pode ser burlada, a fim de empreender nossas observações a respeito da polidez nos recados.

Por ter um material linguístico desafiador, neste trabalho, apresentaremos análises de supostos jovens de 18 aos 20 anos, conforme idade declarada no site.

Notamos que embora pessoais, as páginas de recados do *Orkut* são constantemente visitadas pelos usuários, principalmente, entre *amigos* para colher informações sobre a popularidade do usuário, sua rotina ou simplesmente por mera curiosidade. Essa rotina faz com que muitos optem inclusive por apagar recados após lidos, uma vez que por meio desses é possível se resgatar muito das relações íntimas do outro.

É possível se comprovar essa afirmação com as seguintes sequências:

No exemplo *E3*, o usuário, mesmo usando informalidade e coloquialismo, não impõe, ao solicitar algo ao seu interlocutor, o que provocaria uma quebra de face positiva e uma ameaça a face negativa do receptor da mensagem: *mais se deer pra iir se me avisa* – O uso da condicional *se* evoca possibilidade e, portanto, chance do interlocutor se expressar a favor ou contra, não lhe tira a capacidade de ação. A adversativa (*mais*) também remete a uma condição contrária a alguma decisão já esboçada, mas com chances, a partir de uma possível insistência, de mudança de ideia.

A marca de identidade de grupo, assegurado pelo uso da expressão *mano* também consiste em uma estratégia inteligente de preservação de face, uma vez que demarca território e demonstra intimidade.

Já no exemplo *E4*, a polidez é manifesta nas marcas semânticas de palavras amistosas e que demonstram interesse pelo outro e por suas necessidades, palavras como: *Oi, prima preferida, melhores amigas, te adoro*.

Nessas escolhas, a usuária do site não só ressalta sua face positiva, como também procura não ameaçar a face negativa da sua interlocutora, ainda que tenha soado como uma cobrança a observação a cerca do esquecimento do aniversário: *apesar de vc não te me mandado nenhum recadinho eu nunca esquecerei de vc*. O uso da concessiva *apesar de* embora tenha sido usada no intuito de não dirigir de forma direta uma acusação e, conseqüentemente, vir a ameaçar a face negativa de sua interlocutora, a cobrança indireta ameaça igualmente a face negativa do outro.

O uso das vogais alongadas, em: *te adoroOoooo parabéns MuitoOOO BJus*, implicam exagero na simpatia, uma forma a mais de demonstrar elaboração de face positiva e, ao mesmo tempo, demonstra polidez por demonstrar que o falante demonstra interesse exagerado no outro.

Considerações finais

Embora o gênero recado de *Orkut* apresente uma linguagem muito informal e até coloquial, pode-se constatar que, como consiste em um ambiente de exposição pública e reafirmação de imagem social, não se pode desconsiderar que há uso de polidez.

A análise linguística permite observar que há uma série de estratégias usadas para que a polidez seja percebida não só pelos receptores, como também por todo público que utiliza

esse site de relacionamento. Conclui-se, portanto, mais uma vez que a polidez é de fato um constructo social e cultural que se faz na interação e de forma dinâmica.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 282.
- BONINI, A. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* (orgs.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e sequências textuais*. V.1, Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Polieness. Some universals in language*. Cambridge University Press, 1987.
- GOFFMAN, E. A Elaboração da face, uma análise dos elementos rituais na interação. In: FIGUEIRA, S (ORG.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Tradução J. Russo Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves S.A., 1980. p. 76-114.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*; tradução de Maria Célia Santos Raposo. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, D. *Cortesia Verbal*. São Paulo: Humanitas, v. 10, 2008. p. 19-48.
- LÉVY, P. *O que é virtual*; tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34 Editora, 2001.
- LIMA-NETO, V. de; ARAÚJO, J. C. *Relações intergenéricas na construção do scrap do Orkut*. In: *II Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Ceará, 2007. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art46_Lima-Neto&Araujo.swf>.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MILLER, C. *Gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Editora da UFPE, 2009.
- PARK, R. E. *Race and culture*. Glencoe: The Free Press, 1950.
- PRETI, D. A oralidade na escrita: o diálogo de ficção. In: *Estudos de língua oral e escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 117-215.